

## TRADUÇÃO E FIDELIDADE

Martha Steinberg<sup>1</sup>

AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993, 89 pp.

O tradutor é como a sogra: quando lembrado, quase sempre o é pejorativamente, com difemismos, o mais conhecido em âmbito internacional o já tão repetido *traduttore, traditore*. Tal como a sogra, os seus atributos positivos são ignorados e os louros, quando os há, vão para o autor do texto original. Deixo para a imaginação dos leitores tantos outros pontos de semelhança entre esses dois seres frequentemente injustiçados.

Tradutor de larga experiência e docente de disciplinas que versam sobre a ingrata arte – que também é ciência – da tradução, Francis Aubert, recolhido muitas vezes naquilo que chama de apagamento imposto no desempenho de suas funções, pergunta logo

na Introdução de seu livro se é “cabível exigir do tradutor o seu próprio apagamento”. Ao admitir “a diversidade lingüística e cultural pergunta também até que ponto tal diversidade se constitui em “servidões” que lhe são impostas. Para responder tais indagações, o autor vai analisar, nos capítulos seguintes, os diversos fatores que influem no processo tradutório.

O tradutor, que assume um duplo papel, na medida em que é receptor de uma mensagem e ao transmiti-la passa a ser também emissor em outro código, para outros receptores, é o mediador entre duas culturas, sofrendo pressões por parte de ambas pois deverá desempenhar sua tarefa contentando as duas partes.

Quais são os fatores que influem no desenrolar do processo tradutório, do qual o tradutor é responsável, é o que Aubert nos aponta neste livro de 89 páginas. Em lin-

guagem clara, concisa, elegante e didática, o autor discorre sobre "A dimensão temporal", que vem a ser o espaço de tempo que ocorre entre a conclusão do texto original e o início de sua tradução, envolvidas aí questões de memória e prazo. Esse tempo pode ser até de séculos e poderá exigir do profissional decisões de opção entre manutenção de arcaísmos ou atualização de linguagem. Este é um capítulo rico em observações não só teóricas, mas também de cunho prático, como por exemplo as que ocorrem durante as negociações de prazo e preço entre as partes envolvidas. A seguir, em "Os participantes do ato tradutório", o autor nos descreve a relação entre emissor original e emissor tradutor, alertando para o fato de se tratar de "papéis distintos e não necessariamente de pessoas distintas". Mais uma vez, Aubert descreve com precisão e clareza a rede de imagens que se estabelece entre ambos e de que maneira a visão do mundo de cada um vai influir no processo tradutório. "Os códigos" é um capítulo no qual o autor tece considerações sobre a relação entre o ato tradutório e os códigos, lembrando que se trata de transposição no domínio da *parole* e não no da *langue* saussuriana. De tal posicionamento decorrem seqüências discutidas com riqueza de detalhes. "Os referentes e suas expressões no código" é o quarto capítulo, no qual muito modestamente Aubert afirma "não inovar nem reinventar a roda", mas apenas "delinear alguns traços característicos da questão..." Diríamos que são reflexões a partir de outros prismas, quando trata da transferência do referente para uma cultura onde o seu equivalente é inexistente, portanto intraduzível, ilustradas sempre com exemplos tanto de linguagem literária, quanto da técnica, citando as culturas norueguesa e esquimó. No capítulo seguinte, "Interação

entre os participantes do ato tradutório e o complexo código/referente: a questão das competências", temos a visão do autor sobre o desempenho e competência tanto do autor do texto quanto de seu tradutor. São analisadas situações de paridade e disparidade de competências bem como o resultado decorrente para o produto final. No sexto capítulo, denominado "Os canais", Aubert se ocupa dos problemas específicos da interpretação e da tradução, que usam canais diferentes. Os problemas da transliteração merecem atenção especial com riqueza de exemplos em várias línguas. "As mensagens e os limites da 'fidelidade'" é o título do penúltimo capítulo que o próprio autor alerta ser uma re-escrita de trabalho apresentado em congresso. Aqui são examinados como os três tipos de mensagem – pretendida, virtual, efetiva – tanto do texto original quanto do traduzido dependem de fatores que se relacionam com os participantes, com o complexo código/referente, e com os que nascem das funções do texto. Numa seqüência muito coerente e lógica, Aubert arremata os pontos anteriormente expostos num último capítulo que trata de "A autonomia do tradutor e da tradução". Voltando às questões levantadas na Introdução, o autor agora mostra como elas todas fazem parte de uma tessitura que envolve o tradutor, agindo sobre o produto de seu trabalho, enquanto procura ser fiel. É possível? Leia o livro para saber. A Bibliografia é sucinta, mas cobre desde os clássicos até estudos mais recentes, inclusive teses que abordam a problemática da tradução.

1. Professora titular (aposentada) de Língua Inglesa, Departamento de Letras Modernas, FFLCH-USP.